

EDUCAÇÃO

Poucos entre os melhores

Apenas 1,9% dos cursos de graduação do país tem nota máxima em avaliação do MEC

ANA PAULA BLOWER E ANDRÉ DE SOUZA
sociedade@oglobo.com.br

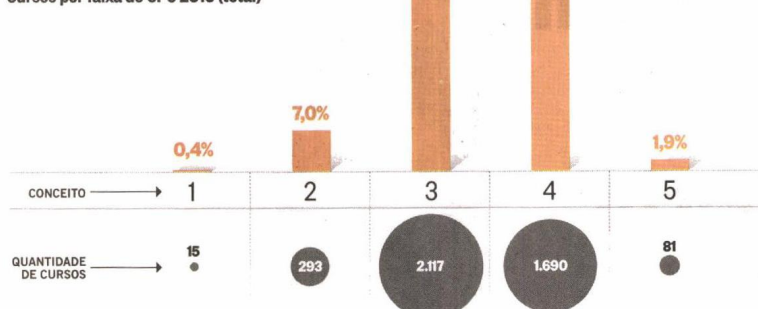
RAIO-X DA QUALIDADE DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

Foram avaliados 2.121 instituições de ensino superior e 4.196 cursos de bacharelado nas áreas de Saúde, Ciências Agrárias e áreas afins

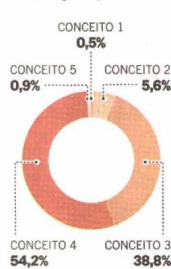
CONCEITO PRELIMINAR DE CURSO (CPC)

Distribuição dos cursos por conceito de 1 a 5

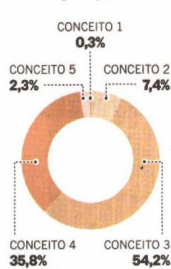
Cursos por faixa do CPC 2016 (total)



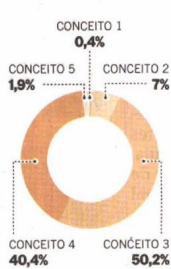
Cursos em instituições públicas



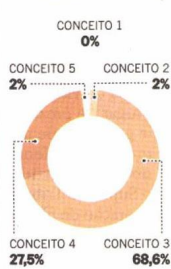
Cursos em instituições privadas



Cursos na modalidade presencial

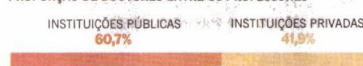


Cursos na modalidade à distância



Corpo docente

PROPORÇÃO DE DOUTORES ENTRE OS PROFESSORES



PROPORÇÃO DE MESTRES ENTRE OS PROFESSORES



ÍNDICE GERAL DE CURSOS (IGC)

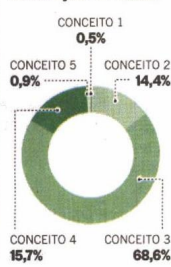
Qualidade das instituições por faixa do IGC

IGC	2015	%	2016	%
1	9	0,43%	9	0,42%
2	304	14,48%	298	14,05%
3	1.413	67,29%	1.415	66,71%
4	348	16,57%	368	17,35%
5	26	1,24%	31	1,46%

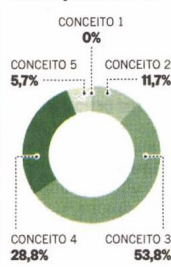
Fonte: Inep

IGC 2016

Instituições Privadas



Instituições Públicas



Editoria de Arte

nais. Os cursos analisados em 2016 — predominantemente na área de Saúde, Ciências Agrárias e Produção de Alimentos — tinham sido avaliados pela última vez em 2013. Em 2015, o CPC se centrou em Ciências Humanas. Em 2014, em licenciaturas e Ciências Exatas.

Quando considerados apenas os cursos superiores públicos, 54,2% tiveram nota 4 e 38,8% nota 3. É quase uma inversão do verificado nos cursos privados: 54,2% com nota 3 e 35,8% com nota 4. Os cursos particulares, no entanto, estão em vantagem em relação à nota 5: 2,3%, conta 0,9% dos públicos. Os cursos públicos têm mais doutores, enquanto nos privados há maior prevalência de mestres.

PONTUAÇÃO MAIOR PARA CURSO PRESENCIAL

No recorte por cursos presenciais e à distância, os primeiros levam vantagem. Entre os presenciais, 50,2% tiveram nota 3 e 40,4% nota 4. Na educação à distância, em que foram avaliados apenas 51 cursos em 2016, mas com mais de 20 mil estudantes, os índices são, respectivamente, 68,6% e 27,5%.

Entre as instituições de ensino, o IGC é calculado a partir do CPC dos cursos oferecidos nos últimos três anos, dando maior peso àqueles com mais alunos. Só recebem nota no IGC instituições que possuam ao menos um curso avaliado no CPC durante o triênio, e desde que haja estudantes concluindo esse curso.

Apenas 31 instituições (1,5%) tiveram nota 5. A maioria, 1.415 (66,7%) também ficou com nota 3. Entre as instituições públicas, 53,8% possuem nota 3, que é o conceito predominante, e há maior proporção de nota 4 e 5 do que nas privadas. As faculdades, que em geral são instituições com menos cursos e atuando em áreas

mais isoladas, costumam ter notas mais baixas que as universidades, instituições maiores e que têm a obrigação de desenvolver atividades de pesquisa e extensão, além do ensino em si.

O educador Renato Pedrosa destaca o fato de serem avaliados cursos de instituições com vocações diferentes, como umas mais voltadas para a pesquisa e outras com viés dedicado ao mercado:

— O índice trata as instituições como se todas dessemperhassem a mesma missão, quando elas são diferentes.

Como as notas refletem a média das avaliações feitas em determinado ano, não é possível dizer, por exemplo, que o conceito 3 de 2016 represente o mesmo que o conceito 3 de 2015. Se houver um aumento generalizado da qualidade das instituições de um ano para o outro, o nível de qualidade representado pela nota 3 também vai se elevar. Da mesma forma, se houver uma piora, a nota 3 vai refletir uma qualidade mais baixa. Os dados detalhados por curso e instituição serão divulgados apenas na segunda-feira, quando serão publicados no Diário Oficial da União. ●

“É preciso olhar as diversas dimensões para ter um retrato melhor das instituições de ensino brasileiras”

Renato Pedrosa
Professor da Unicamp

-BRÁSILIA E RIO - Apenas 1,9% dos cursos de graduação do país, avaliados em 2016, conseguiu nota máxima no Conceito Preliminar de Curso (CPC), aferido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), ligado ao Ministério da Educação (MEC). Quando analisadas integralmente, as instituições de ensino superior do país também estão distantes do patamar mais alto: somente 1,46% conseguiram alcançar o conceito 5 no Índice Geral de Cursos (IGC), que avalia os estabelecimentos de ensino. Ambos os indicadores seguem escala de 1 a 5. Apesar de os dados divulgados ontem mostrarem um diagnóstico ruim à primeira vista, especialistas advertem que não são os únicos parâmetros para avaliar a qualidade do ensino superior no país.

Segundo os dados do Inep, dos cursos superiores avaliados em 2016, pouco mais da metade (50,5%) obteve nota 3 no CPC. No caso das instituições de ensino superior, 66,7% também tiveram nota 3 no IGC. A nota 3 significa que o curso ou instituição está na média da área. O desempenho costuma ser melhor nas universidades públicas. O Inep afirmou que não é possível dizer se essa nota é positiva ou não.

— É difícil avaliar se é bom ou ruim. Está na média daquela área avaliada. Nossos indicadores sempre levam em condição a média. É uma medida relativa, comparada — disse Renato Augusto dos Santos, coordenador-geral de Controle de Qualidade da Educação Superior do Inep.

Os conceitos são calculados a partir de vários fatores, como avaliação dos estudantes, quantidade de professores com mestrado e doutorado, regime de trabalho integral ou parcial dos docentes, e questionamentos feitos aos alunos sobre a infraestrutura e outros aspectos dos cursos que frequentam.

— A gente diz que 7,4% estão em faixas abaixo da média. Agora quais medidas serão tomadas, a Seres (Secretaria de Regulação e Supervisão da Educação Superior) vai avaliar — afirmou Renato.

COMPARAÇÃO DIFÍCIL

De acordo com Renato Pedrosa, coordenador do Laboratório de Estudos em Educação Superior da Unicamp, a maneira como o conceito é composto torna difícil a tarefa de identificar quais os pontos fortes e fracos de cada curso.

— Os indicadores utilizados, como infraestrutura e corpo docente, não têm um peso ou uma justificativa muito claros, o que transforma esse indicador final em algo difícil de analisar. É preciso olhar as diversas dimensões para um retrato melhor das instituições de ensino brasileiras — observa Pedrosa, que diz já existir uma consciência das limitações do sistema. — Uma das críticas é pegar todos esses indicadores diferentes e transformar numa nota final. Não se sabe porque está recebendo aquela nota. Se comparar dois cursos com nota 4, por exemplo, essa nota pode ter razões bem diferentes. Não se sabe o que teria determinado aquele conceito.

Pedrosa acrescenta que não é recomendável utilizar a média como único parâmetro de qualidade. Segundo ele, isso faz com que o CPC seja instrumento para formar rankings, e não para uma análise aprofundada dos cursos.

As avaliações para compor o conceito são tri-